

# Escola indígena mostra diversidade nas aulas de Educação Física

*MAIS QUE VESTIR A CAMISA, PARA ATUAR NUMA ESCOLA INDÍGENA, É PRECISO SE ADAPTAR À CULTURA E EMERGIR NA TRADIÇÃO*



Enquanto nas escolas de regiões urbanas a principal missão de um professor de Educação Física é formar um adulto ativo, saudável e feliz com o próprio corpo, em escolas indígenas, o desafio é outro. “Nosso maior objetivo é formar cidadãos conscientes e críticos, que possam quebrar os tabus que permeiam a imagem indígena”, explica Railson Queiroz [CREF 004427-G/AM]. O professor atua, desde janeiro de 2020, na escola municipal Puranga Pisasú, localizada na comunidade Nova Esperança, Rio Negro, zona ribeirinha de Manaus (AM).

Os alunos indígenas, como explica o professor, já são ativos por natureza. “A vida deles é em movimento. Então, combater o sedentarismo não é nossa maior preocupação”. Sua maior preocupação, na verdade, é preparar esses

alunos para a vida. Não apenas para o mercado de trabalho formal, mas para também para a vida deles, com todo respeito à cultura e à tradição. “Aplicamos atividades estratégicas para desenvolver nos alunos a coordenação motora grossa e fina, a flexibilidade, o equilíbrio, a força e a resistência. Habilidades que serão importantes na vida adulta para que eles pesquem, cultivem alimentos,

desbravem e desempenhem todas as suas atividades sociais e profissionais, sejam elas nas aldeias, ou em consultórios, fóruns, salas de aula, como médicos, advogados, professores, ou o que mais eles quiserem”.

Desenvolver neles essas habilidades não é tarefa difícil. “No geral, eles são muito comportados e quietos. E, ao mesmo tempo, participativos”. Railson atribui esse comportamento dos alunos à forte presença de hierarquia nos grupos indígenas. “Em casa, eles são educados para respeitar os mais velhos e estão acostumados com a figura de líderes, como o Pajé e o Cacique. Na escola, eles têm o professor como exemplo, alguém que sabe mais”.

Um sonho para qualquer professor. Mas para atuar numa escola indígena ribeirinha, também é preciso abrir mão de algumas comodidades. Voltar para casa ao fim do expediente é um deles. “Por conta do difícil acesso à área indígena, nós praticamente nos mudamos temporariamente para a região”. Railson explica que para chegar até a aldeia onde está localizada a escola, não é tão simples. “Precisamos considerar as fases do Rio Cuieiras, afluente do Rio Negro, que irriga a região. Na época da cheia, conseguimos chegar de barco. Não apenas os professores, mas também a merenda escolar, enviada pela prefeitura”.



***“Eu jamais imponho a eles uma nova realidade, mas utilizo a realidade deles por natureza. Unindo o útil ao agradável, é possível facilitar o processo de aprendizagem deles. Eu amo ensinar, amo estar em sala de aula - ou debaixo da árvore, dentro do rio”***

Por conta do acesso restrito, o ano letivo indígena tem calendário particular. “No início de janeiro, quando todos estão de férias, nós já estamos tendo aulas”. Mas só de algumas disciplinas, como configura o sistema itinerante. “No primeiro semestre, é oferecida metade das matérias. Depois, trocamos os postos com outros professores, e os alunos recebem as disciplinas faltantes. Quando acaba o período na escola Puranga Pisasú, eu sou enviado para outra escola, também ribeirinha – mas não indígena. Além disso, as séries próximas são unidas para receberem a mesma aula, por conta da quantidade reduzida de alunos”. Nada disso interfere na carga horária a que eles têm direito por lei, todas as 90 horas anuais obrigatórias de Educação Física, por exemplo, são cumpridas.

A carga horária de cada disciplina respeita o que determina a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). No entanto, para atender a todos os modelos

escolares, a própria Secretaria Municipal de Educação (Semed) de Manaus se encarrega de elaborar sua Proposta Pedagógica Curricular de forma regionalizada, contemplando todas as especificidades de cada escola.

Quem explica melhor a elaboração da proposta é a chefe de todas as escolas rurais da região, professora Edilene Pinheiro. Ela elucida que a Educação Indígena conta com setor específico dentro da Semed. “A Gerência de Educação Indígena trata de todo arcabouço teórico, metodológico e pedagógico, que articula com a Divisão Distrital da Zona Rural todas as particularidades próprias da Educação para este grupo social”.

E não são apenas os alunos indígenas que recebem atenção especial da Secretaria, mas os professores da mesma etnia também têm seu espaço garantido na educação manauara. “Realizamos Processo Seletivo Simplificado específico para professores indígenas, atendendo a todas as orientações emanadas do MEC”. Os professores, de origem indígena ou não, têm a liberdade e o papel de adequar suas aulas ao ensino da cultura e das tradições indígenas, mesmo com essas particularidades já consideradas pela Secretaria.

É exatamente o que faz o professor Railson. Seguindo as orientações da Semed, desenvolve suas aulas de acordo com a estrutura disponível – e com a indisponível. Como a ausência de quadra poliesportiva, no caso da Puranga Pisasú. “As aulas são, ora dentro de sala de aula, ou ao ar livre”. É ao ar livre que os alunos aprendem a jogar vôlei e handebol (esportes novos para eles, com os quais mantiveram alguma resistência no início), além do próprio futebol (que, para eles era um esporte apenas masculino, costume repensado e desconstruído nas aulas de Educação Física).



Os alunos também praticam escalada em açazeiro, palmeira alta, lisa e sem galhos. “Quando vejo, eles já chegaram lá em cima, com uma naturalidade incrível”. Treinam ainda ginástica artística e hidroginástica, na maior piscina que a escola poderia oferecer: as águas do Rio Amazonas. Além da iniciação esportiva, os alunos têm atividades de lazer com brincadeiras culturais – como a Boca de Forno, que você pode conhecer melhor na caixa ao lado (abaixo/acima).

O simples hábito de voltar para casa ao fim do expediente e a necessidade de se adaptar às peculiaridades da região, já que é preciso passar uma temporada lá, são algumas comodidades que Railson parece não se incomodar em renunciar. “Abrir mão de algum conforto é necessário. Alguém tem que fazer isso, ou essas crianças não teriam as aulas. Eu acredito que essa entrega seja necessária para que eles cresçam, como eu tive a oportunidade de crescer no meu período escolar”, reconhece, ciente de seu desafio como professor.



## OS BARÉS E A COMUNIDADE NOVA ESPERANÇA

A Comunidade Nova Esperança localiza-se no Rio Cuieiras, dentro do território do município de Manaus (AM), na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Puranga Conquista. A região é habitada por índios Barés, conhecido como “o povo do rio”, o que dispensa explicação. Eles migraram para a região, em grande parte, em razão do contato com os não-índios, cuja história foi marcada pela violência e a exploração do trabalho extrativista. Oriundos da família linguística Aruak, hoje falam uma língua franca, o Nheengatu, difundida pelas carmelitas no período colonial. Integram a área cultural conhecida como Noroeste Amazônico.

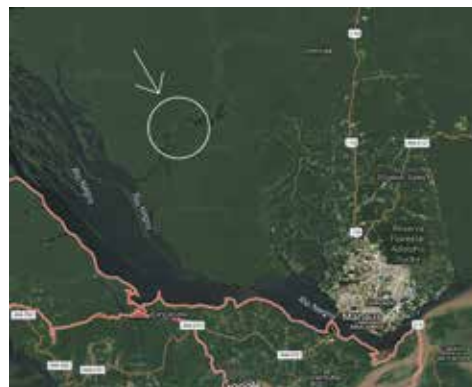
## BOCA DE FORNO

O professor anuncia um elemento existente no ambiente indígena e os alunos correm em busca dele. Vence quem trazer em primeiro lugar o objeto solicitado. Railson pede determinada espécie de flor azul específica da região, por exemplo. Eles desbravam a floresta em busca da planta e a entregam ao professor. Brincadeira que jamais poderia ser realizada, pelo menos desta forma, na zona urbana.

## MISSÃO DE PROFESSOR

“Sou extremamente apaixonado pela Educação. Cresci, do primeiro ao nono ano, nas escolas públicas de Manaus, o que me deu uma referência de Educação muito boa. Meus professores de Educação Física foram essenciais na minha formação como cidadão e como aluno atleta. Aprendi muito cedo a capoeira, handebol e sempre pratiquei atividade física. Por isso, me identifiquei com a Educação atrelada à saúde, ao bem-estar e à atividade física. Foi o que eu escolhi como trabalho, como projeto de vida. Ser professor é um sonho que estou realizando.

Quando cheguei lá, me deparei com crianças que não tinham noção da atividade física como parte da sua formação. Elas não faziam ideia de que podiam associar a atividade física com sua participação na sociedade. Ter que adaptar minhas aulas à estrutura de que disponho dentro de um ambiente indígena não é problema, é solução. Solução que os valoriza, porque eu jamais imponho a eles uma nova realidade, mas utilizo a realidade deles por natureza. Unindo o útil ao agradável, é possível facilitar o processo de aprendizagem deles. Eu amo ensinar, amo estar em sala de aula - ou debaixo da árvore, dentro do rio”.



**Professor  
Railson Queiroz**

